

## **CRIATIVIDADE EM SAÚDE MENTAL ANTES & DURANTE A PANDEMIA**

**Autor: Itapa Rodrigues, Oficineiro dos CAPS AD III GIRASSOL (Restinga e Extremo Sul, Porto Alegre) e CAMINHOS DO SOL (Regiões Leste e Nordeste, Porto Alegre), itaparock@gmail.com.**

Eu penso em escrever sobre a ambiência no Caps AD, porque este é o lugar onde me situo. Sou oficinairo do Caps AD III Restinga e Extremo Sul, mas quando cheguei aqui já estávamos sob os efeitos da pandemia. Tenho minha experiência recente de trabalhar em Caps, no caso o Caps AD Viamão, onde pude experimentar as melhores abordagens para com acompanhados do nosso serviço através de conversações que aconteciam em um espaço que era um atelier de desenho e pintura com alguns instrumentos musicais.

Quando cheguei naquele Caps, existiam para os acompanhados todas as atividades como futebol, cinema, grupo de música, reuniões com temas específicos e tudo o mais que se possa oferecer em um plano terapêutico singular. Porém esse atelier de que falei era então apenas uma sala com dois lados de janelas de vidro para uma bela vista alta, com uma mesa grande no meio, cadeiras e alguns armários fechados, onde acompanhados e técnicos circulavam ao longo do dia.

A ideia de arte na ambiência ainda não estava óbvia, sendo assim, houve uma primeira "oficina de arte" anunciada para uma segunda-feira às nove da manhã, momento no qual eu ofereceria diversos papéis além de tintas, pincéis, hidrocores, lápis, etc.

O que aconteceu foi que algumas pessoas ficaram desenhando e pintando continuamente, parando apenas para fazer sua refeição, fumar seu cigarro ali fora e voltar. No dia seguinte, algumas delas já chegavam direcionadas para fazer uma pintura ou para continuar algum trabalho inacabado. Essa atmosfera, somada ao violão que qualquer um podia tocar e ao rádio que qualquer um podia mexer foi se tornando um espaço de conversa muito rico. Os materiais de arte ficavam disponíveis o tempo todo. Muita gente não pintava nem fazia nada de arte, mas apreciava estar ali naquele espaço de trocas de experiência. Atividades trazidas por qualquer um eram bem-vindas e tinham

espaço: um fazia artesanato com pedras e macramê para vender em praças, outro fazia guardanapos e toalhas de mesa com croché, tinha outro que consertava itens de informática, tinha os poetas e rappers, tudo ali, acontecendo lado a lado na mesma mesa, que também era frequentada por aqueles que consertavam qualquer problema hidráulico, elétrico, de dobradiças ou de fechaduras da casa, e que cuidavam do jardim.

A música foi igualmente importante naquele Caps, pois apesar de estar presente na ambiência, ela tinha seus dias especiais de atividade, que aconteciam basicamente em três ocasiões. Primeiro, em dia e hora específicos no laboratório de composição que acontecia em outro espaço da casa. Segundo, nos saraus onde grupos musicais formados por técnicos e acompanhados se apresentavam em palcos junto ao público. E em terceiro lugar, em incursões que o Caps fazia em territórios de uso de álcool e outras drogas, carregando instrumentos variados de percussão que seriam tocados por quem estivesse ali, em confraternizações nas quais a música fluiria livre. Sem a audácia da então coordenadora Luciana Moro a expressão artística não teria atingido aquele patamar de importância, e muitas narrativas não teriam tido voz.

Agora na Restinga e Extremo Sul a situação é bem diferente. Toda essa aproximação com as histórias de vida dos nossos acompanhados está perpassada pelo afastamento social obrigatório e pela suspensão de qualquer atividade presencial em grupo devido à pandemia. Sendo assim, toda a busca por um resgate da historicidade do território passa a ser acrescida desta limitação. Entretanto, isso não ofusca o fascínio inicial provocado em quem chega na Restinga (como eu, através do trabalho no Caps) e logo se depara com pessoas (sejam técnicos, acompanhados ou trabalhadores outros) narrando histórias que contam como se formou o bairro, sua construção, a população que foi designada para o local e as justificativas usadas para isso.

A distância do centro da cidade e o fato de ser uma população economicamente menos privilegiada vivendo em uma área praticamente rural deu vida a um território com características bem próprias do ponto de vista das relações de vizinhança entre as pessoas, da relação com plantar e colher, da história das populações negras em Porto Alegre - que ainda é em sua maioria uma história não escrita -, e da música e das artes de quem viveu e vive naquela vastidão.

---

Escrevi este texto no ano passado para que fizesse parte do esboço de uma escrita coletiva que era focada na Restinga, por isso falo também de questões sociais específicas da Restinga; porém em sua essência de ser uma comparação entre esses dois momentos distintos (antes e durante a pandemia), ele serve para descrever também o que acontece no Leno, e provavelmente em outros Caps.

**ACESSE O VIDEO PRODUZIDO PELO AUTOR PARA COMPLEMENTAR O SEU RELATO:**

- [https://youtu.be/WgpBVv\\_VRBI](https://youtu.be/WgpBVv_VRBI)